

ESTRESSE EM PROFESSORES DO ENSINO INFANTIL

STRESS IN CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS

¹ANDRADE, C. P. ; ²OLIVEIRA, F. S.

^{1e2}Departamento do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as respostas negativas ao estresse provocado pelas situações do trabalho do docente da educação infantil. Sabe-se que trabalho em condições precárias, e o alto índice de rotatividade devido à desvalorização profissional, assim como a falta de demarcação clara entre as atividades de mulher, mãe e professora e o desprestígio por serem frequentemente remetidas à figura de babá podem ser fatores desencadeantes para o mal-estar docente nas professoras da Educação Infantil. Ao se tratar especificamente de estresse ocupacional é comum que as pessoas se escondam atrás de outros sintomas, físicos preferencialmente, do que assumir o estresse ocupacional propriamente dito. Dentro da classe trabalhadora, a classe docente é uma das maiores vítimas deste mal, o número de professores doentes emocionalmente é alarmante. Somente é possível a busca de soluções mediante a apresentação de um problema. Sendo assim, este estudo problematizará como está saúde emocional do docente da rede pública municipal, apontando possíveis causas e queixas, proporcionando reflexão sobre tais e sugerindo possíveis mudanças visando à promoção da saúde, uma das funções da psicologia.

Palavras-chave: Estresse. Docente. Educação infantil. Psicologia.

ABSTRACT

This study aims to analyze the negative responses to stress caused by the situation of the teaching work of early childhood education. It is known that work in precarious conditions, and the high rate of turnover due to professional devaluation, as well as the lack of clear demarcation between the woman's activities, mother and teacher and prestige for often being sent to the nanny figure may be factors triggering for the teacher malaise in the teachers of early childhood education. When dealing specifically with occupational stress it is common for people to hide behind other symptoms, preferably physical, than take occupational stress itself. Within the working class, the teaching profession is one of the biggest victims of this evil, the number of patients emotionally teachers is alarming. Therefore, this study will question how the teacher's emotional health is. Teachers who work in public school of the city, arousing possible reasons and complaints, providing further reflections about the same and suggesting possible changes aiming health issue, one of the roles of psychology

Keywords: Stress. Teacher. Child Education. Psychology.

INTRODUÇÃO

Para melhor compreensão do tema abordado faz-se necessário tomar ciência de como a educação infantil chegou aos moldes atuais, para tanto, segue um breve histórico da educação infantil no Brasil.

O primeiro dispositivo de assistência à criança, ainda que inadequado, foi a roda dos expostos. Até o final do século XIX não havia atendimento voltado as crianças de 0 a 6 anos, era usual que crianças não desejadas por sua família fossem deixadas na roda dos expostos. Segundo Aquino (2001), mais do que cuidado era

prestada assistência missionária: a primeira providência a ser tomada era o batismo para salvação da alma da criança.

Com o decorrer do tempo, a necessidade de assistência às crianças aumentou e novos meios para atendimento destas foram pensados e postos em prática.

De acordo com Kramer (1987), as creches surgiram com caráter assistencialista, visando afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha e a pré-escola tinha como função principal a proteção às crianças. Kramer (1985) ressalta ainda que durante o século XIX, uma nova função passa a ser atribuída a pré-escola, mais relacionada à ideia de educação do que de assistência, compensando assim possíveis deficiências provocadas pela pobreza ou negligência familiar.

No século XX, a educação brasileira passa por mudanças, entre as quais se destacam o debate em torno do cuidado, preservação e preparação da infância. O movimento da Escola Nova trouxe uma proposta educacional renovadora, colocando a criança centro do processo educacional e procurando atender às mudanças socioeconômicas e políticas que o país estava sofrendo.

Com as reivindicações por parte dos operários por melhores condições de trabalho no início de 1930 e das mulheres trabalhadoras por locais para deixar seus filhos durante o expediente, alguns empresários cederam espaços para creches no interior das fábricas e perceberam que isso era vantajoso para a produção.

Segundo Oliveira (2005), fato de o filho da operária estar sendo atendido em instituições montadas pelas fábricas passou, até, a ser reconhecido por alguns empresários como algo vantajoso, por provocar um aumento de produção por parte das mães.

Após algumas décadas, em 1964 a criação da Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), com o intuito de melhorar o atendimento prestado ao menor abandonado. De acordo com Campos (1993) esse foi resultado de uma luta travada desde a década de 40, por pessoas ligadas a setores do governo e da igreja. Houve, portanto, a preocupação em propor uma reforma no atendimento do menor abandonado.

Somente na década de 1980, a educação pré-escolar recebeu do Estado um olhar mais atento, através do III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto. Dúvidas e discussões surgiram sobre qual seria a função efetiva da pré-escola bem

como buscou-se uma nova identidade para as creches. Segundo Souza (2000), a primeira manifestação oficial contra a educação compensatória foi a edição do Programa Nacional da Educação Pré-escolar em 1981, pelo MEC. A proposta tentou incorporar algumas críticas feitas pelos teóricos aos fundamentos de privação cultural e educação compensatória, mas careceu de clareza e era farta de contradições e ambiguidades.

Quando fazemos um apanhado histórico sobre a educação infantil no Brasil, percebemos o quanto prevalecia o caráter assistencial sobre o educacional. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, contudo, o sentido de educação infantil mudou, passando esta a ser responsabilidade da Secretaria de Educação, sendo um nível de ensino, exigindo profissionais da educação infantil, ou seja, professores.

Segundo a LDB 9394/96, nos artigos abaixo citados:

Art. 21. A educação escolar compõe-se de:

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II - educação superior.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) (BRASIL, 1996)

Embora muitos aspectos tenham se modificado e melhorado ainda é possível encontrar creches e pré-escolas que se assemelham aos antigos moldes, sobre tais mudanças KUHLMANN JUNIOR (2001) ressalta que é neste contexto que a educação passou a ser vista como o oposto da assistência.

A falta de reconhecimento sobre o trabalho do profissional da educação infantil é um dos fatores que colaboram para a insatisfação dos docentes. Segundo Martins *et al* (2014), apesar das leis serem criadas com o intuito de melhorar o ensino e o cuidado com as crianças pequenas, o que se tem observado é que essas professoras têm uma sobrecarga de responsabilidade pela qualidade do atendimento. O trabalho em condições precárias, e o alto índice de rotatividade devido à desvalorização profissional, assim como a falta de demarcação clara entre as atividades de mulher,

mãe e professora e o desprestígio por serem frequentemente remetidas à figura de babá podem ser fatores para o mal-estar docente nas professoras da Educação Infantil.

Para Dejours (2013), o reconhecimento esperado por quem mobiliza sua subjetividade no trabalho passa por formas extremamente reguladas e implica a participação de certos atores, também eles rigorosamente situados em relação com a função e o trabalho de quem espera o reconhecimento. Reconhecer a existência da “psicodinâmica do reconhecimento” permite compreender o importante papel que joga no destino do sofrimento no trabalho e a possibilidade de transformar o sofrimento em prazer.

A docência está incluída entre as profissões que mais provocam adoecimento e afastamento da função por transtornos psíquicos. Dejours (1992), afirma que o sofrimento tem início quando a relação homem-organização do trabalho está dificultada e o homem não percebe o significado de seu trabalho. Há um sentimento de inutilidade, que pode estar ligado à falta de qualificação e finalidade. Não é o trabalho em si que adocece, mas o tipo de trabalho e as condições em que é realizado.

De acordo com publicação realizada pela APEOESP (2013) (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), é alto o índice de casos de afastamento de professores das salas de aula por adoecimento psíquico ou estresse; segundo a publicação, Wanderley Codo, doutor em psicologia social, ao estudar uma amostra de quase 39 mil trabalhadores em educação no Brasil, identificou que 32% dos indivíduos apresentavam baixo envolvimento emocional com a tarefa, 25% se encontravam com exaustão emocional e 11% com quadro de despersonalização, podendo-se dizer, em termos práticos, que 48% da população estudada apresentava *burnout*.

Campos (2008), destaca que não se pode deixar de pensar em sentimentos na formação educacional do indivíduo; isso ajuda a fazer uma avaliação do que é bom ou ruim e nos orienta para a busca de novas aprendizagens que nos levam à satisfação, conseguindo moldar-se para as conquistas. Se o professor atuar com alto grau de estresse, comprometerá o trabalho com o aluno.

Sendo a educação infantil a primeira etapa da educação básica é de suma importância que se cuide da saúde dos docentes envolvidos nesta prática, proporcionando assim possibilidades para melhoria na qualidade no ensino. Somente

é possível a busca de soluções mediante a apresentação de um problema, sendo assim, este estudo problematizará como está saúde emocional do docente do ensino infantil, apontando possíveis causas e queixas, proporcionando reflexão sobre tais e sugerindo possíveis mudanças visando à promoção da saúde, uma das funções da psicologia.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DO DOCENTE

Para Dejours (1992), a carga psíquica do trabalho é aumentada quando a liberdade de organização do trabalho sofre uma diminuição. Quando não há mais uma possibilidade de organizar o trabalho por parte do trabalhador, tem-se então o domínio do sofrimento. É comum queixas por parte dos professores relacionadas ao cumprimento de cronogramas e questões burocráticas que muitas vezes desconsideram o trabalho individual dos professores para com cada aluno em função da manutenção de dados estatísticos.

Os conteúdos programáticos na maioria das vezes engessados desconsideram a especificidade do trabalho docente, provocando dessa forma um alto grau de frustração, pois este se sente tolhido em sua prática enquanto educador e conhecedor das necessidades de cada discente. Segundo Dejours (1992), se não há espaço público para a negociação, começa o sofrimento.

O estresse no trabalho é definido como reações físicas e emocionais que ocorrem no momento em que as exigências ultrapassam as capacidades, os recursos ou as necessidades do trabalhador (INOCENTE, 2007), sendo que tanto os fatores externos, ou seja, condições ambientais, quanto exigências internas podem estar entre os estressores responsáveis pelo estresse decorrente do trabalho (CODD; SORATTO; VASQUES-MENEZES, 2004)

Quando o professor não consegue mais se adaptar ao ambiente de trabalho, quando já fez uso de todos os recursos intelectuais e psico-afetivos para dar conta das demandas impostas, pode ocorrer a ruptura com o equilíbrio e o sofrimento torna-se patológico.

Mediante a importância do professor para o desenvolvimento da criança que tem na escola uma das bases para seu desenvolvimento enquanto cidadão autônomo, percebe-se quão importante é que o docente esteja saudável tanto física como emocionalmente. O ato de educar e cuidar requer equilíbrio emocional muitas vezes

negligenciado pelo próprio docente e por gestores, a conscientização desta necessidade é o primeiro passo para se buscar saúde e educação de qualidade.

A criação de uma equipe multidisciplinar que atue dentro das escolas atendendo a alunos e professores tem grande importância para melhoria da educação e de todos os agentes envolvidos. A inserção e frequente participação do psicólogo educacional no âmbito escolar colabora para a compreensão e para a mudança do comportamento de educadores e educandos, no processo de ensino aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre as dimensões política, econômica, social e cultural, de acordo com suas atribuições, segundo o Conselho Federal de Psicologia.

Estudos e pesquisas sobre a saúde emocional do docente se fazem importantes para identificação precisa dos agentes danosos a saúde e causadores do estresse e mediante a dados concretos buscar soluções para melhor qualidade de vida e educação.

REFERÊNCIAS

APEOESP. **A saúde dos professores**. São Paulo, 2013.

AQUINO. L. As políticas sociais para a infância a partir de um olhar sobre a história da criança no Brasil. In: ROMAM E. D. STEYER V. E. **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Ulbra, 2001

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CAMPOS, D. A. Z. **Síndrome de Burnout: o esgotamento profissional ameaçando o bem-estar dos professores**. 2008, 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.

CAMPOS. M. M. ROSEMBERG. F. FERREIRA. I.M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

CODO, W.; SORATTO, L.; VASQUESMENEZES, I. Saúde Mental e Trabalho In: ZANELLI, J. C. et. al. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEJOURS, C. **A loucura do Trabalho – estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

DEJOURS, C. O sofrimento no trabalho. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520004-o-sofrimento-no-trabalho-artigo-de-christophe-dejours>. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

INOCENTE, N. J. Estresse Ocupacional: Origem, Conceitos, Relações e Aplicações nas Organizações e no Trabalho In: CHAMON. **Gestão e Comportamento Humano nas Organizações**. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

KRAMER. S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achime, 1995.

KRAMER S., **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 1987.

KULHMANN JR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediações, 2001.

MARTINS, Maria de Fátima Duarte et al . O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 281-289, dez. 2014 . Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em 06 jun. 2016.

OLIVEIRA. Z. M. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUSA. A. M. C. **Educação Infantil: uma proposta de gestão municipal**. Campinas: Papyrus, 2000.